

PANORAMA POLÍTICO



JOÃO DOMINGOS (interino) • de Brasília

Brasília, hora zero

• Brasília consolidou-se como centro do poder. Seu impressionante conjunto arquitetônico é patrimônio cultural da humanidade. Hoje seus gramados doem nos olhos, tão verdes são nestes tempos de chuva. Há menos de quatro décadas, porém, Brasília era quase só poeira e lama. Os deputados a rejeitavam. Para que se mudassem, foi preciso antes convencer suas mulheres.

O deputado Neiva Moreira (PDT-MA) foi o presidente da comissão de mudança da capital. Entre 1960 e 1961 ele anotou tudo o que se passou naqueles tempos. No ano passado Neiva encontrou os manuscritos que julgava perdidos. Transformou-os no livro "Brasília, hora zero", de 73 páginas, lançado pela Editora Terceiro Mundo.

"A mudança foi uma doidice", afirma o deputado no livro. Como ninguém queria se mudar para Brasília, o jeito foi fazer uma guerra psicológica. "A aproximação da data da mudança lançara deputados e funcionários num clima de imensa inquietação. A sede da operação (a cidade do Rio de Janeiro) era servida por uma grande imprensa que se opunha à transferência nas condições estabelecidas".

O então deputado Adauto Lúcio Cardoso costumava ler o boletim meteorológico para dizer que o tempo seco em Brasília era pior do que o do deserto de Gobi.

A Cardoso juntava-se o oposicionista José Bonifácio, para dizer que a mudança para Brasília era uma aventura que poderia liquidar o Congresso.

O jeito, diz Neiva Moreira, foi recorrer às mulheres dos deputados. À dona Vera, mulher de José Bonifácio, foram mostradas as plantas de apartamentos que ainda eram esqueletos. Ao mesmo tempo, integrantes da comissão da mudança falaram das vantagens, da paisagem e do clima. Dona Vera convenceu-se. Pouco depois, Neiva Moreira era surpreendido por José Bonifácio: "Que plantas são essas que você anda mostrando à minha mulher e que já a fez desejar conhecer Brasília?" (José Bonifácio viria a ser atuante líder da Arena, em Brasília).

Enfim, os caminhões de mudança ganharam as estradas. O do então deputado José Sarney teve carga extra de 1.500 santos.

Cristais havia muitos. Mas não deram tanto trabalho quanto os animais. Na mudança estavam parlamentares e funcionários.

Dona Lia Cavalcanti era servidora da Câmara e presidente da Sociedade Protetora dos Animais. Resolveu levar os seus bichos. O taquígrafo Fábio Zevacô carregou a sua imensa cobra, que numa noite foi passear pela cama do então deputado Doutel de Andrade, conta Neiva Moreira.

Em Brasília não havia ainda camas de casal. O jeito foi comprar as de solteiro. Novos problemas. Etelvino Lins procurou o autor do livro: "Você sabe, Neiva, em Sertânia, onde nasci, durante gerações sucessivas, os chefes de família dormem em camas de casal. Não compreendo como, em Brasília, se terá chegado a esse critério de camas separadas. Se Niemeyer (Oscar) quer fazer comunismo, faça-o, mas não em nossos dormitórios".

Os à época deputados Miguel Calmon, Cesar Prieto, Manoel Novais e Eloy Dutra eram altos. Não cabiam nas camas de 1,80 metro. Foram reclamar. Bocayuva Cunha sugeriu que eles dormissem encolhidos. A sugestão, diz Neiva Moreira, piorou a situação.

O apartamento do presidente da Câmara, Ranieri Mazilli, foi saqueado três vezes. Para impedir novos saques, ele pôs um guarda na frente do imóvel.

O fato mais grave ocorreu um pouco depois da inauguração de Brasília. O deputado Aloysio Nonô (pai do atual deputado José Thomaz Nonô, de Alagoas) cansou-se de esperar pela complementação dos móveis. Num gesto de protesto, amontou na praça da sua superquadra as peças que lhe haviam sido fornecidas e ateou-lhes fogo, narra Neiva Moreira. À mão armada, ficou ali, patrulhando a gigantesca fogueira.

A confusão com os móveis persistiu por muito tempo. Houve até saques. Ao descobrirem um depósito com móveis ainda não entregues aos donos, mais de cem parlamentares, familiares e funcionários invadiram o barracão, cataram o que puderam e foram embora, com os bens sobre as cabeças.